
Temporalidade descolonial em *The Kissinger Project* de Alfredo Jaar ¹

Florencia San Martín (*School of Visual Arts, Nova York, EUA*) *

Tradução:

Rafael Melo (*Universidade Federal Fluminense, Brasil*) ²

Caroline Alciones de Oliveira Leite (*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*) ³

Luiz Sérgio de Oliveira (*Universidade Federal Fluminense, Brasil*) ⁴

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40436>

193

RESUMO: A partir de uma análise em uma perspectiva descolonial da obra do artista chileno Alfredo Jaar, mais especificamente *The Kissinger Project*, Florencia San Martín revisita alguns fatos históricos relevantes para a América do Sul, entre as décadas de 1970 e 1980, quando os regimes ditatoriais militares dominavam os países da região. No processo, esses regimes contaram com a participação/intervenção estado-unidense, tendo Henry Kissinger, então secretário de Estado, como personalidade política mais proeminente na defesa dos interesses das corporações dos Estados Unidos. No entanto, como nos alerta San Martín, “o econômico, o político e o social operam em conexão um com o outro”. Neste sentido, a ditadura militar chilena tinha na “implementação do livre mercado” um fator destacado em sua agenda política. San Martín nos recorda ainda que, assim como a modernidade, também a descolonialidade é um projeto inacabado.

(Resumo e palavras-chave elaborados pelos editores)

PALAVRAS-CHAVE: Alfredo Jaar; arte; política; descolonialidade

* Florencia San Martín possui o título de Ph.D. em História da Arte pela Universidade Rutgers. Sua pesquisa recebeu o apoio da Patricia and Phillip Frost Fellowship do Smithsonian American Art Museum, da Louis Bevier Dissertation Completion Fellowship da Universidade Rutgers, do Rutgers' Center for the Critical Analysis e da Comissão Chilena de Pesquisa Científica e Tecnológica (CONICYT). Florencia San Martín é a editora de Nova York da *Art Nexus* e atualmente está coeditando com a Dra. Tatiana E. Flores uma edição especial sobre arte contemporânea latino-americana para *Arts*, um periódico de acesso aberto, revisado pelos pares, publicado por MDP. Seu projeto de livro, *The Decolonial Project of Alfredo Jaar*, reposiciona a arte de Jaar como uma crítica descolonial das consequências catastróficas, humanitárias e epistemológicas, do neoliberalismo, um projeto econômico capitalista e uma perspectiva ideológica que define globalmente nosso momento atual. E-mail: florenciasanmartinriutort@gmail.com

Citação recomendada:

SAN MARTÍN, Florencia. Temporalidade descolonial em *The Kissinger Project* de Alfredo Jaar. (tradução: Rafael Melo, Caroline Alciones de Oliveira Leite, Luiz Sérgio de Oliveira). *Poiesis*, Niterói, v. 21, n. 35, p. 193-234, jan./jun. 2020. [https://doi.org/10.22409/poiesis.v21i35.40436]

Temporalidade descolonial em *The Kissinger Project* de Alfredo Jaar

De Heráclito a Karl von Clausewitz e
Henry Kissinger, “a guerra é a origem
de tudo”.

--- Enrique Dussel (1985 [1980])

Em 1984, dois anos depois de se mudar do Chile para Nova York, Alfredo Jaar (nascido em Santiago, Chile, 1956) criou *Searching for K*, um arquivo feito de páginas apropriadas de livros.

Compilado de reproduções fotográficas e de suas legendas correspondentes aos dois primeiros volumes das memórias de Henry

Kissinger (publicados separadamente em 1979 e em 1982), *Searching for K* expõe um duplo fenômeno político, histórico e cultural.⁵ Por um lado, torna visível o papel central de Kissinger durante seu mandato como Conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos e Secretário de Estado sob os presidentes Richard Nixon e Gerald Ford (1969-1977) na trama da derrubada da democracia chilena e engendrando a ditadura que se seguiu (1973-1990). Por outro lado, destaca o fato de que até agora os esforços para denunciar Kissinger por crimes contra a humanidade fracassaram. Quando Jaar realizou a obra, Kissinger não era apenas um homem livre, mas também

uma figura política que detinha poder político e econômico significativo e até mesmo autoridade moral.⁶ Para Jaar, o trabalho de denúncia era, portanto, um projeto em aberto que deveria continuar até que Kissinger fosse levado à justiça por suas violações de direitos humanos e por outras repercussões políticas, sociais e econômicas de sua responsabilidade nas intervenções imperiais na política latino-americana. Jaar representa esse duplo fenômeno histórico, cultural e político – isto é, a responsabilização de Kissinger por crimes contra a humanidade e o fato de ele ainda não ter sido legalmente punido. Ao intervir em imagens e textos sobre Kissinger e organizando essas imagens e textos de maneira conceitualmente específica, o objetivo de Jaar é expor os crimes de Kissinger e o fato de ele ainda não ter pago por eles.

O uso da linguagem por Jaar é uma estratégia conceitual chave para esse duplo objetivo. O uso do participio presente no título da obra, por exemplo, indica até que ponto a tarefa da obra de arte é inacabada, incompleta e em processo. Como uma decisão linguística representando uma ação que está acontecendo no presente, o “procurando” de Jaar fala de

uma tarefa que está em curso, em vez de resolvida. De fato, essa tarefa é o que motiva a série ampla de Jaar para a qual *Searching for K* foi feita (Fig. 1). Intitulada *The Kissinger Project*, a série em andamento de Jaar é em si um projeto descolonial que expõe a continuidade conceitual da colonialidade de poder da modernidade nas ordens sociais e formas de conhecimento atuais a partir do ponto de partida do intervencionismo de Kissinger. Um paradigma global, tomando forma inicialmente com a conquista das Américas, a modernidade colonial começou com a “constituição de uma nova ordem mundial que culminou, quinhentos anos depois, em um poder global que abrange todo o planeta”, conforme explicado pelo falecido sociólogo peruano Aníbal Quijano; a matriz de poder da modernidade tem permanecido a mesma desde então. (QUIJANO, 2007, p. 168) Por essa lógica, a independência não desfaz a colonialidade. Como Quijano e Immanuel Wallerstein afirmam: a independência “simplesmente transformou a forma exterior [da colonialidade].” (QUIJANO; WALLERSTEIN, 1992, p. 550) A tarefa da descolonialidade permanece, assim, incompleta.



Fig. 1 - Alfredo Jaar, *Searching for K* (detalhe), 1984.
dezoito painéis (34 × 81,6 cm) e uma impressão (35,6 × 40,6 cm)
(Cortesia do artista. Nova York)

A descolonialidade é um modo de fazer, pensar e ser que desafia a noção progressiva de tempo histórico da modernidade. Como explica o crítico literário Walter D. Mignolo, o projeto ocidental de modernidade emergiu no século XVI como uma colonização simultânea do tempo e do espaço: a colonização do tempo através da invenção da Idade Média no processo de conceitualização do Renascimento e a colonização do espaço por meio da conquista do Novo Mundo. (MIGNOLO, 2009, p. 39) Um projeto com fases “cumulativas” em vez de “sucessivas”, como Mignolo significativamente aponta, a modernidade nomeia uma prática histórica persistente de destruição e de revisão. (MIGNOLO, 2009, p. 40-41) Devido a essa lógica histórica cumulativa, o projeto de descolonialização, que existe desde o começo da modernidade no século XVI, e o seu lado mais sombrio, a colonialidade, funcionam não menos persistentemente como uma tarefa necessária que permanece inconclusa.⁷ Com esta noção operativa de incompletude em mente, neste artigo eu argumento que *The Kissinger Project* de Jaar interrompe ambos os conceitos e as formas associadas à concepção progressiva de tempo da modernidade – um tempo que é espelhado na *realpolitik* de Henry Kissinger

– e que Jaar desafia esta concepção de tempo através de um projeto que é essencialmente incompleto.

I. Um projeto incompleto; um caso incompleto

A busca de Jaar é tão urgente atualmente quanto era em 1984, quando ele criou *Searching for K*. Não apenas os crimes de Kissinger contra a humanidade permanecem impunes, mas o legado de Kissinger ainda molda ativamente o paradigma neoliberal econômico, político e cultural do Chile. Por mais de 30 anos, Jaar continua a criar obras sobre Kissinger que denunciam o papel do ex-Secretário de Estado no conflito chileno e na história pós-conflito, e que continuam a perseguir o fato de que a justiça ainda não foi alcançada. Em 1999, quando os Estados Unidos tornaram públicos milhares de documentos anteriormente secretos demonstrando a intervenção catastrófica de Kissinger no Chile – uma liberação sem precedentes que se seguiu à detenção de Pinochet em Londres por crimes contra a humanidade – muitas investigações a respeito de Kissinger vieram à luz, incluindo ações judiciais como a instaurada pela família do comandante militar chileno René

Florencia San Martín, Temporalidade descolonial em *The Kissinger Project* de Alfredo Jaar.

Schneider.⁸ Um firme oponente do plano dos Estados Unidos de intervir nas eleições, Schneider foi sequestrado pelas operações da CIA no Chile e, em seguida, assassinado em 25 de outubro de 1970 por grupos chilenos.⁹ Este e outros processos fracassaram e continuaram a fracassar. “O governo dos Estados Unidos tem preferido não desgastar as alianças da Guerra Fria”, escreveu um jornalista em um artigo recente sobre a atual influência de Kissinger nos assuntos internos estabelecida através de suas políticas externas para a Guerra Fria. (DORFMAN, 2017) Mais recentemente, documentos adicionais foram tornados públicos e outras denúncias foram declaradas, incluindo condenações políticas e protestos públicos. Em fevereiro e março de 2016, por exemplo, nos debates presidenciais das primárias democratas em Milwaukee e Miami, o senador Bernie Sanders acusou sua rival, Hillary Clinton, de “obter a aprovação ou o apoio ou a orientação de Henry Kissinger”, a quem Sanders descreveu como “um dos Secretários de Estado mais destrutivos da história moderna” e o responsável pela “derrubada [do] governo de Salvador Allende no Chile.” (BASS, 2016) E, em outubro de 2018, quando Kissinger foi convidado pela Stern School of Business da Universi-

dade de Nova York para falar sobre sua carreira diplomática, uma mulher na plateia se levantou e disse: “Henry Kissinger, você tem sangue em suas mãos. O que você diz sobre o seu papel no Chile, sobre o povo chileno?” (JACKSON; PORCELLI, 2018)

Mesmo em 2019, Kissinger, aos 96 anos, continua sendo um estrategista-chave no domínio das relações internacionais. Ele aconselha tanto republicanos como democratas; ele publica amplamente sobre as políticas externas atuais; além de “suas realizações impressionantes [e] carreira de extraordinária eficácia”, como três professores de Harvard escreveram, recentemente, são significativas “lições para os atuais negociadores”.¹⁰ E Jaar, em resposta, continua fazendo trabalhos sobre Kissinger. Por exemplo, em 2012, no trigésimo nono aniversário do golpe chileno, Jaar, em colaboração com o Centro Europeu de Direitos Constitucionais e Humanos (ECCHR), pontuou as páginas dos três principais jornais de Berlim com uma série de anúncios com a frase “Prendam Kissinger!” (Fig. 2).

Juntamente com as versões em alemão e inglês do texto, os anúncios também apareceram em espanhol, laosiano, khmer, por-



Fig. 2 - Alfredo Jaar, *The Kissinger Project (Berlin)*, 2012.
 treze páginas de jornal individuais: TAZ (47 × 31,75 cm); *Berliner Zeitung* (51,5 × 35 cm);
Der Tagesspiegel (57,15 × 40 cm)
 (Cortesia do artista, Nova York)

tuguês e em um dialeto timorense, os idiomas das pessoas que vivem em países afetados pela *realpolitik* de Kissinger. “Por essas políticas, [Kissinger] ainda é elogiado por muitos”, escreve o fundador e secretário geral do ECCHR, Wolfgang Kaleck (2014). Partindo do caso do Chile, Jaar conecta histórias compartilhadas de repressão cívica e violações de direitos humanos perpetuadas pelos Estados Unidos em todo o assim chamado Terceiro Mundo.

Por mais de três décadas, o projeto de Jaar sobre Kissinger expõe os crimes de Kissinger pela perspectiva do Chile.¹¹ Ao fazer isso, o projeto de Jaar se engajou na tarefa descolonial em processo de denunciar a modernidade/colonialidade, adotando uma posição descolonial que afirma, nas palavras de Quijano, que “Vivimos adentro, pero en contra”. [Vivemos dentro disto, porém contra isto]. (QUIJANO, 2010 – vídeo) Focando a colonização do tempo, que gerou crises humanitárias desastrosas em todo o mundo em nome de “progresso” e “desenvolvimento”, a série de Jaar sobre *Kissinger* torna visíveis as consequências da temporalidade linear da modernidade-colonialidade durante e após o regime chileno. A série de Jaar também torna visível a continui-

dade desse modelo catastrófico nas atuais relações entre Estados Unidos e América Latina, considerando, por exemplo, a crise de migrantes da América Central (cujas raízes são encontradas na intervenção dos Estados Unidos na América Central na última década da Guerra Fria), e recentes intervenções políticas imperialistas dos Estados Unidos em países como Honduras e Venezuela. Como a falecida crítica de arte Dore Ashton, aos 87 anos, disse a Jaar em um filme que ele fez sobre ela em 2015: “O que aconteceu, você sabe... história horrível... e, definitivamente, Kissinger é o vilão, em minha opinião... mas as pessoas ainda não dizem isso, dizem?” (JAAR, 2015) A pergunta de Ashton fala da contingência do projeto em andamento de Jaar sobre Kissinger e de seu potencial de intervir na consciência pública. Na obra de Jaar, a vilania de Kissinger não é mais omitida e seu agenciamento histórico nunca está em questão.

Como mencionado, o corpo de obras de Jaar sobre Kissinger é agrupado sob o título *The Kissinger Project*. A série é composta por documentos apropriados, incluindo páginas de livros publicados, arquivos sigilosos tornados públicos, mídia impressa, car-

tas assinadas e retratos autografados relacionados a Kissinger. Simultaneamente com o lançamento de sua carreira artística em Nova York em 1983, Jaar começou a fazer trabalhos artísticos investigando Henry Kissinger com uma obra intitulada *Buscando a Kissinger* [Procurando por Kissinger] (1983, Fig. 3), finalizada um ano antes de ter feito *Searching for K*.

Eu me aprofundarei neste trabalho adiante. Por ora, o que é importante notar aqui, assim como em *Searching for K*, é que o uso do participio presente no título da obra em espanhol também abrange a tarefa inacabada de toda a série de Jaar.

O que está em jogo em *The Kissinger Project* é a crítica simultânea do artista à mídia de massa e a celebração do jornalismo crítico, um aspecto chave de sua arte como um todo. Informada por uma variedade de fontes de arquivo e da mídia atual, a série de Jaar vê o conflito chileno como um ponto de partida para abordar os casos de outros países assim chamados do Terceiro Mundo afetados pelas práticas imperialistas dos Estados Unidos durante e após a Guerra Fria, e ele o faz de uma perspectiva que é essencialmente inacabada, incompleta, assim como

o próprio projeto de descolonialidade. Para elaborar sobre esse ponto, vou centrar-me em *Searching for K* (1984) de Jaar por dois motivos: primeiro, porque foi a primeira vez que Jaar se apropriou de uma fotografia icônica que se tornou representativa da intervenção dos Estados Unidos no Chile e suas consequências; e segundo, porque é uma obra exemplar das condições políticas que impulsionaram Jaar a iniciar sua série sobre Kissinger. O projeto de Jaar torna visível a contingência do passado traumático em um contexto dominado pelo neoliberalismo desenfreado.

II. Um aperto de mão imperial

Em *Searching for K*, Jaar usa um marcador vermelho e um gabarito arquitetônico com aberturas circulares para intervir diretamente nas páginas com reproduções fotográficas retiradas dos dois primeiros volumes das memórias de Kissinger. Uma metáfora para a essência da fotografia – famosamente descrita por Roland Barthes como um índice indicando que “isso aconteceu”, isto é, um testemunho da realidade – esta simples intervenção de Jaar indica a evi-



Fig. 3 - Alfredo Jaar, *Buscando a Kissinger*, 1983.
colagem em cartão postal (8,9 × 14 cm)
(Cortesia do artista, Nova York)

dência da presença: que isso aconteceu e que Kissinger estava lá. (BARTHES, 1988, p. 96) Traçando anéis perfeitos de diferentes diâmetros e espessuras ao redor da cabeça de Kissinger, Jaar cria contrastes gráficos entre monocromia e colorido e entre procedimentos mecânicos e manuais. Ele não corta as imagens fotográficas dos livros, ao contrário, Jaar utiliza as páginas inteiras que as contêm. Os textos que acompanham cada reprodução fotográfica de Kissinger com personalidades políticas, familiares e celebridades em todo o mundo também estão incluídos na obra. Identificando o lugar de Kissinger em cada imagem, os círculos vermelhos de Jaar posicionam sua insistente função testemunhal como uma ruptura da autoevidência ou mesmo da banalidade de cada fotografia. Notando a ausência de qualquer fotografia ou legenda relacionada ao Chile, um país que ocupa dois extensos capítulos nas memórias de Kissinger e onde ele se encontrou com Pinochet em 1976, Jaar adicionou uma fotografia dessa reunião como um suplemento revelador à cuidadosamente curada autorrepresentação de Kissinger. (Fig. 4)

Tirada de baixo para cima, a fotografia em preto e branco retrata Kissinger apertando

a mão do general Augusto Pinochet. Ambas as figuras estão vestidas em seus trajes icônicos: Pinochet está de uniforme militar e Kissinger veste um terno escuro e ostenta sua marca registrada, os óculos de armação grossa. Dois guardas estão posicionados em segundo plano; um olha para Kissinger, enquanto o outro olha para a câmera. A imagem congela um momento de troca calorosa entre o ditador chileno e o secretário de Estado dos Estados Unidos; Pinochet exhibe um leve sorriso e parece estar dizendo algo para Kissinger, que sorri de volta ao general. A consequência histórica e simbólica fundamental desse encontro para a ditadura e o futuro pós-ditatorial da América Latina é um dos principais pontos abordados por Jaar em *The Kissinger Project*. Extraída de sua fonte original e inserida junto a outros registros da imprensa que comemoram a bondade, o comportamento educado e a liderança de Kissinger, a fotografia em *Searching for K* funciona tanto para transmitir informação quanto para testemunhar a hipocrisia e o oportunismo de Henry Kissinger, documentando sua cumplicidade com o regime como um meio de proteger os interesses corporativos dos Estados Unidos no Chile.



Fig. 4 - Detalhe da fotografia de Kissinger e Pinochet. Alfredo Jaar, *Searching for K* (detalhe), 1984. dezoito painéis (34 × 81,6 cm) e uma impressão (35,6 × 40,6 cm) (Cortesia do artista, Nova York)

A imagem apareceu pela primeira vez na edição de 21 de junho de 1976 da *TIME*, acompanhando um artigo de John Dinges, correspondente especial no Chile de 1972 a 1980 para a *TIME*, o *Washington Post* e a ABC Radio. O foco principal do artigo foi a iniciativa sem precedentes de Kissinger de advertir o regime de Pinochet por suas violações dos direitos humanos, a admoestação mais forte que o secretário já havia feito em sua carreira. (DINGES, 1976, p. 31) No artigo de Dinges, intitulado adequadamente de *A Harsh Warning on Human Rights* [Uma advertência severa sobre os direitos humanos], ele escreve: “Quando o governo militar do Chile pediu para ser anfitrião da reunião anual da Organização dos Estados Americanos [OEA] na semana passada em Santiago, a junta esperava que a ocasião pudesse ser uma boa oportunidade de mudar sua imagem difundida como o regime mais repressivo do continente. Sem sucesso.” (DINGES, 1976, p. 31) É impressionante, para dizer o mínimo, que uma fotografia conotando empatia entre Kissinger e Pinochet fosse escolhida para ilustrar um artigo descrevendo uma *admoestação* de violações de direitos humanos no Chile e as eventuais consequências de tais crimes na comunidade internacional. A apropriação

dessa imagem por Jaar em *Searching for K* explora essa ironia ao confrontar a trilha documental das violações dos direitos humanos de Kissinger com essa impressionante imagem de cumplicidade.

O encontro de Kissinger com Pinochet em 8 de junho de 1976 ocorreu no auge da repressão do regime, quando os oficiais do Diretório Nacional de Inteligência do Chile (DINA) estavam ativamente envolvidos em torturar e fazer desaparecer oponentes políticos dentro e fora dos campos de detenção chilenos. A reunião ocorreu na suíte presidencial do edifício Diego Portales, um edifício emblemático no centro de Santiago que foi usado para operações governamentais enquanto o Palácio de La Moneda estava sendo restaurado devido a um bombardeio no dia do golpe. A reunião estava programada para o dia anterior ao do dia do discurso de Kissinger (ironicamente, sobre direitos humanos) na Sexta Assembleia Anual da OEA em Santiago. Em uma “resposta cuidadosamente calculada ao tema central da reunião [da OEA], um relatório da Comissão Interamericana de Direitos Humanos sobre o hemisfério detalhando as alegações de violações por 16 nações”, Kissinger advertiu publicamente a junta chilena

de que “a condição dos direitos humanos prejudicou nosso relacionamento com o Chile e continuará a fazê-lo. Os direitos humanos são a própria essência de uma vida significativa e a dignidade humana é o objetivo final do governo. Um governo que pisoteia os direitos de seus cidadãos nega o propósito de sua própria existência.” (DINGES, 1976, p. 31) Por outro lado, a transcrição da reunião privada de Kissinger com Pinochet no dia anterior aponta para o rastro documental que atesta a cumplicidade de Kissinger com as violências do regime. Contrariando totalmente seu discurso na OEA, Kissinger disse ao general,

Tenho um forte sentimento de amizade com o Chile... Nos Estados Unidos, como você sabe, somos solidários ao que você está tentando fazer aqui... Em minha declaração [na OEA] tratarei os direitos humanos em termos gerais... O discurso não é direcionado ao Chile. Eu queria lhe falar sobre isso. Minha avaliação é que você é vítima de todos os grupos de esquerda ao redor do mundo e que seu maior pecado foi derrubar um governo que estava se tornando comunista. (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1976)

Como o memorando da conversa sugere, Kissinger estava dando sinal verde ao regi-

me de Pinochet, enquanto seu discurso na OEA era um biombo diplomático para encobrir o verdadeiro propósito de sua visita ao Chile. Na verdade, foi o próprio Kissinger quem incentivou os representantes da OEA a escolher Santiago para sua reunião anual. “Eu sabia que isso traria prestígio para o Chile. Eu vim por esse motivo”, disse ele a Pinochet, considerando que no ambiente de uma reunião diplomática hemisférica eles poderiam se encontrar naturalmente. (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1976) Isso evitaria a suspeita do Congresso dos Estados Unidos sobre o apoio de Kissinger a Pinochet à luz do embargo de armamentos dos Estados Unidos ao regime chileno que havia sido aprovado pelo Congresso sob o nome de Emenda Kennedy quatro meses antes. A inclusão desta fotografia por Jaar em seu arquivo expõe não apenas o apoio direto de Kissinger ao regime de Pinochet, mas também o objetivo de Kissinger de manter em segredo o conteúdo dessa reunião. A lógica fotográfica de *Searching for K* funciona como um aparato para a prestação de contas política e histórica; Jaar revela o que Kissinger esconde. Anos mais tarde, preocupado com a prisão de Pinochet em Londres em 1998 por crimes contra a humanidade e com a liberação pela administração Clinton

de mais de 24.000 documentos secretos no ano seguinte, que incluíam um memorando de sua reunião de 1976, Kissinger escreveu e publicou seu terceiro e último livro de memórias temendo que ele também pudesse ser acusado. Contrariando suas palavras a Pinochet, a fim de destacar os “desafios” de seu discurso sobre “direitos humanos” na OEA, Kissinger afirmou: “Por ordem do destino, a reunião foi planejada para ser realizada em Santiago... Nem Ford nem eu consideramos desejável fugir do desafio.” (KISSINGER, 1999, p. 749; ênfase nossa)¹²

No entanto, Kissinger não apenas havia planejado pessoalmente que a reunião da OEA fosse realizada em Santiago, como ele disse a Pinochet; mas a reunião privada documentada por Jaar em *Searching for K* também foi bem documentada na imprensa chilena. Apesar de o conteúdo da reunião permanecer confidencial até sua publicação formal em 1999, ele não era um segredo. Um dia após a reunião de junho de 1976, o jornal conservador de direita e apoiador do governo *El Mercurio* publicou informações escritas e visuais sobre o assunto. Enfatizando a “simpatia” de Kissinger por Pinochet, as manchetes de tais reportagens diziam: “*Con Promesa de Amor se nos Va*

Kissinger” [Com promessa de amor, Kissinger nos deixa] e continha legendas como “*Una cordial reunion sostuvieron ayer Augusto Pinochet y el secretario de estado norteamericano Henry Kissinger*” [Augusto Pinochet e o secretário de Estado dos Estados Unidos Henry Kissinger tiveram uma reunião cordial ontem].¹³

Alfredo Jaar certamente estava consciente da reunião de Kissinger-Pinochet de 1976 e da imprensa comemorativa ao redor do fato quando ela ocorreu.¹⁴ De fato, o conhecido fascínio de Jaar pela mídia e pelas informações por ela fornecidas serviu como ponto de partida para seu pensamento crítico muito antes do evento. Como ele descreve essa evolução,

[M]eu pai também foi um grande leitor de notícias. Eu o via todas as manhãs, *religiosamente*, começando o dia lendo seu jornal... Isso se tornou um tipo de modelo para mim: a necessidade de saber... A informação se tornou um aspecto essencial da minha vida desde o início. Por isso, comecei a assinar revistas e jornais, de todo o mundo, em vários idiomas, por causa dessa paixão, dessa obsessão pela informação... Tomei consciência desde cedo dos mecanismos da mídia e aprendi muito cedo sobre como ler a mídia... Percebi, imediatamente,

que a maneira como esses eventos eram descritos diferia muito dependendo da fonte. (JAAR; SIITARI, 2015, p. 69)

De um modo que o trabalho de Jaar iria expor criticamente, os artigos elogiosos de *El Mercurio* celebravam frequentemente a pessoa de Kissinger tanto como líder político internacional quanto como celebridade. Ele foi retratado triunfantemente em biografias e apresentado como uma celebridade que, junto com sua esposa Nancy, foi recebida por mais de 3.000 entusiastas chilenos. (DINGES, 1976, p. 31; U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1976) Uma recepção semelhante ocorreu na Televisão Nacional (TVN), que documentou a visita de Kissinger celebrando sua “*extraordinaria posición como canceler del mundo*” [posição extraordinária como um chanceler do mundo]. “Aqui, em solo chileno, está o grande Secretário de Estado dos Estados Unidos”, maravilhou-se um jornalista, relatando a chegada de Kissinger ao aeroporto de Santiago, perguntando aos presentes: “Você o imaginava assim? O que você achou de seu traje?” (DE LA MASA, 1976) Kissinger, para os chilenos apoiadores do regime, era “a celebridade mais importante que já havia estado no país em anos”. (DE LA MASA, 1976) E a tele-

visão, que durante a ditadura não apenas censurou a informação, mas também a transformou em espetáculo, foi um eixo-chave da intervenção cultural do regime.¹⁵

III. “Fazendo a economia gritar”

Como a TVN era controlada pelo Exército, e a mídia – concentrada no ultraconservador *El Mercurio* – era controlada pelo regime e por seus apoiadores, tais transmissões e reportagens elogiosas não são surpreendentes. A respeito do tom entusiasmado da imprensa sobre a reunião supostamente secreta, um memorando da conversa parcialmente publicado em 1999 demonstra que a celebração de Kissinger fazia parte de um esforço de propaganda anticomunista mais amplo empreendido pelo proprietário do *El Mercurio*, Agustín Edwards, iniciado no final dos anos 1960. (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1971) Temendo pelo futuro de seus ativos chilenos com a emergência da agenda socialista da Unidade Popular, o programa Kissinger-Edwards atingiu seu auge depois que Allende foi democraticamente eleito presidente em 4 de setembro de 1970. (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1971) De fato, o próprio Kissinger organizou uma

reunião entre Edwards e o ex-diretor da CIA Richard Helms, cujo nome havia sido anteriormente eliminado de documentos tornados públicos para proteger sua identidade como fonte confidencial. (KORNBLUH, 2015) Kissinger, apesar da recomendação de Subsecretário no Conselho Nacional de Segurança (NSC), Viron Vaky, de que trammar um golpe de Estado no Chile era “evidentemente uma violação de nossos próprios princípios e dogmas políticos”, considerando que a “ameaça” de Allende para os Estados Unidos era “difícil de defender”, apoiou a ideia de Edwards de “uma conspiração para um *coup d’été* e como os Estados Unidos poderiam apoiá-la”. (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1970; KORNBLUH, 2015) De fato, a conseqüente reunião de Edwards-Helms em 14 de setembro foi fundamental para a ação desestabilizadora adotada pela administração Nixon contra Allende. (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1970; KORNBLUH, 2015) Portanto, não é por acaso que no dia seguinte, em uma reunião de 15 minutos com Kissinger no Salão Oval, Nixon notoriamente ordenou que Helms “fizesse a economia [chilena] gritar.” (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1970b)

“Fazer a economia gritar” resultou em uma intervenção radical centrada na diminuição do valor do cobre – o pilar da economia chilena – e no financiamento da manipulação da propaganda midiática para interferir na opinião pública sobre a crise econômica chilena. Esse era o principal plano das ações secretas da CIA, cujo objetivo principal era impedir que Allende chegasse ao poder ou, uma vez que ele já estivesse no poder, removê-lo da presidência. Embora a primeira tentativa de golpe em 1970 tenha fracassado e a segunda, em 1973, tenha sido bem-sucedida, o plano geral resultou em numerosas greves e em um país altamente polarizado, e sendo, portanto, essencial para a implementação de uma ditadura.¹⁶ Um cenário de estado de sítio serviu para implementar a fusão do regime com a imposição da economia de livre mercado no Chile e em toda a região. Como observou o sociólogo chileno José Joaquín Brunner, o papel da ditadura era “manter a ordem adequada para o novo modelo de desenvolvimento capitalista”. (apud AVELAR, 1998, p. 75-76) Além disso, como observa o crítico cultural e teórico literário Idelber Avelar, “a imbricação entre a doutrina de segurança nacional e o mercado transnacional... entre, em uma palavra, autoritarismo político e inte-

resse de classe capitalista.” (apud AVELAR, 1998, p. 75-76) Como ele explica a seguir:

Longe de aberrações excepcionais, as ditaduras latino-americanas dos anos de 1970 e 1980 deveriam ser vistas como instrumentos de um projeto refundacional por parte das elites nacionais e internacionais, ou como a chamarei, uma transição histórica que fecha o ciclo dos estados modernos liberais e populistas da região e inaugura a terceira fase do capital, telemática e planetária. (apud AVELAR, 1998, p. 75-76)

Mas antes de nos aprofundarmos na relação entre o projeto de Jaar e a continuidade da ditadura com o neoliberalismo – isto é, entre o projeto de Jaar sobre Henry Kissinger e o fato de a ditadura chilena, assim como o projeto colonial da modernidade que começou com a Conquista no século XVI continuam a cobrar seu preço – o que está em jogo aqui é o envolvimento direto de Edwards nas ações secretas da CIA e, por extensão, o papel de *El Mercurio* em abraçar o golpe de 1973 e a ditadura que se seguiu.

O que motivou Jaar a criar seu projeto sobre Kissinger no início dos anos 1980 em Nova York? Jaar chegou a Nova York no contexto do movimento de solidariedade na

América Central e Latina, do qual emergiu um grande número de práticas e discursos críticos em relação às práticas intervencionistas dos Estados Unidos antes e durante o governo Reagan. Uma fonte central da busca de Jaar por Kissinger foi *The Price of Power: Kissinger in the Nixon White House [O Preço do Poder: Kissinger na Casa Branca de Nixon]* (1983) de Seymour M. Hersh. Publicado um ano após a mudança de Jaar para a cidade, o livro de Hersh foi a primeira resposta jornalística nos Estados Unidos aos relatos de memórias de Kissinger e recebeu ampla atenção e críticas divergentes por sua revisão da automitologização enganosa das memórias.¹⁷ Uma revelação crucial, por exemplo, sobre a atitude condescendente e neocolonialista de Kissinger em relação ao Chile e à América Latina foi seu tratamento desdenhoso ao ministro das Relações Exteriores chileno, Gabriel Valdés. Durante uma reunião de embaixadores latino-americanos na Casa Branca em junho de 1969, Kissinger deprecia o Sul Global como uma entidade histórica absolutamente insignificante. Respondendo à queixa de Valdés sobre a natureza inerentemente exploradora da assistência dos Estados Unidos na América Latina, Kissinger respondeu:

Você vem aqui falando da América Latina, mas isso não é importante. Nada importante pode vir do sul. A história nunca foi produzida no sul. O eixo da história começa em Moscou, vai para Bonn, atravessa para Washington e depois para Tóquio. O que acontece no sul não tem importância alguma. Você está desperdiçando o seu tempo. (HERSH, 1983, p. 263)

De que modo a amizade de Kissinger com o Chile e a América Latina, como retratada pela mídia chilena em 1976, poderia ser explicada? Jaar se perguntou isso em 1984 enquanto comparava as memórias de Kissinger com os registros da imprensa chilena e *The Price of Power*. Em *Latin America* (1984), Jaar reproduz as palavras de Kissinger em uma folha de papel datilografada, dominada por um espaço retangular preto (Fig. 5). Ao trazer à tona as declarações de Kissinger, Jaar dramatiza o apagamento histórico em jogo em sua promulgação enquanto política.

Abaixo do texto, Jaar adiciona o nome do autor e a data em que este autor pronunciou essas palavras, escrevendo: "Henry Kissinger, 1969." No centro da folha, o retângulo preto representa a censura, a falta de informação, as operações transnacionais

ocultas.¹⁸ Ele também representa um estado ditatorial em uma região que, segundo Kissinger, "não era importante". Jaar tanto expõe como resiste à ideia de uma "América Latina" cuja cultura e identidade dependem de interesses imperialistas multinacionais e cuja "história" é "ditada" pelo poder colonial. Em suma, ele expõe e rejeita uma ideia colonial de "América Latina" enquadrada de acordo com a "amizade" de Kissinger e os relatos comemorativos da mídia chilena de direita. Esse mesmo questionamento sobre amizade está representado em *Searching for K* de Jaar, obra na qual o artista revela o papel de Kissinger no conflito chileno, bem como o fato de Kissinger obstinadamente ocultar esse papel. A obra de Jaar efetua uma dupla revelação que encontra sua estrutura conceitual no coração do projeto descolonial, segundo o qual, como Mignolo afirmou, "'modernidade' é uma narrativa europeia que esconde seu lado sombrio, a 'colonialidade'". (MIGNOLO, 2011, p. 39) Neste sentido, Jaar expõe criticamente não apenas a desastrosa intervenção de Kissinger no Chile – um caso geopolítico singular –, mas também o paradigma a partir do qual Kissinger opera: o do sistema mundial moderno.



Fig. 5 - Alfredo Jaar, *Latin America*, 1984.
recorte em papel, datilografado (21,4 cm × 10,5 cm)
(Cortesia do artista, Nova York)

Em *Searching for K*, Jaar também chama a atenção para esse paradigma através de sua técnica de desenhar círculos vermelhos ao redor da cabeça de Kissinger em cada fotografia apropriada. Recordando um método bem conhecido de identificação utilizado por organizações legais, essa tática para reconhecer os vitimadores também é uma metáfora para o caráter testemunhal do fotojornalismo, conhecidamente descrito por Barthes como um índice de que “isso ocorreu”. (BARTHES, 1998, p. 96) Ao repetir persistentemente essa tática em seu arquivo, do começo ao fim, a agregação de círculos vermelhos de Jaar revela as intenções de Kissinger: sua arte de persuadir os leitores e espectadores da mídia popular de que ele (Kissinger) é o protagonista e o herói desses momentos. Kissinger cuidadosamente selecionou apenas as fotografias nas quais ele aparece no lugar certo, na hora certa e com as pessoas certas. Ao documentar a presença de Kissinger como protagonista e criminosa, a obra de Jaar indica como Kissinger criou uma narrativa linear dos assuntos internacionais dos Estados Unidos por meio de suas próprias “realizações”, incorporando a estética progressiva, universal e heroica da modernidade e sua tendência a apagar as histórias de passados

traumáticos esquecidos. O círculo vermelho de Jaar destaca, assim, a ideia de verdade, autoria e universalidade da perspectiva de Henry Kissinger. É por isso que sempre existe um círculo quando Kissinger está presente, pois sua presença, segundo Kissinger, sempre pressupõe um sentido de vitória, desenvolvimento: uma narrativa, que é, da modernidade imperial. E é também por isso que não há círculo para desenhar quando Kissinger está ausente – como é o caso de 25 fotografias do total de 158. Através de sua intervenção do círculo vermelho, Jaar tanto revela quanto subverte o recurso de Kissinger à memorialização laudatória e, por extensão, também à modernidade; ao fazê-lo, como veremos, Jaar também torna visível como essa memorialização e sua reprodução na grande mídia e nos próprios relatos de Kissinger servem para esconder, apagar e também para estimular a atrocidade.

Jaar invoca tais apagamentos ao justapor as fotografias diplomáticas de Kissinger com este segundo conjunto de imagens que retratam incidentes de derrota e de vergonha. Na obra de Jaar, essas imagens aparecem sem os reveladores círculos vermelhos, porque Kissinger não está presente. É o ca-

so de uma imagem de 9 de agosto de 1974 que mostra Nixon deixando a Casa Branca após renunciar à presidência devido ao escândalo de Watergate.¹⁹ Uma reprodução vertical impressa como uma ilustração de página inteira no final do segundo livro de memórias de Kissinger, a imagem mostra um Nixon de testa franzida, os cantos dos lábios virados para baixo, cobrindo o rosto enquanto acenava em despedida. Esta fotografia representa algo muito distante da saudação de vitória de Nixon, realizada naquele momento, portanto, ajudando Kissinger a ilustrar os caminhos opostos que ele e Nixon seguiriam após Watergate. Enquanto Nixon viria a significar um legado histórico de desonra, queda e isolamento, o caminho de Kissinger, ao contrário, abraçaria a ética, integridade e poder político. Em sua própria implementação de estratégias visuais baseadas na indexicalidade da fotografia, Kissinger garante a si mesmo um final feliz. Kissinger sugere que nem ele nem seus valores estariam envolvidos no Watergate; isto é, que nem ele nem seus valores faziam parte de tais atividades vergonhosas.

Mas, como a obra de Jaar deixa claro, Kissinger não era nem um salvador nem um herói, mas um dos principais arquitetos da

desestabilização da economia chilena que buscava impedir Allende de assumir a presidência. Kissinger foi um dos principais apoiadores do golpe sangrento e da ditadura que se seguiu, na qual milhares morreram, deixando milhões ainda sofrendo pelo trauma do regime.²⁰ Documentos tornados públicos e registros jornalísticos demonstram até que ponto ele desempenhou esse papel. Alfredo Jaar documenta não apenas esses fatos e suas consequências, mas também os sutis recursos estratégicos estéticos e retóricos utilizados por Kissinger para influenciar a opinião pública. A exaustiva reconstrução documental de Jaar detalha como, em alguns casos, Kissinger reproduz momentos históricos vergonhosos nos quais ele não estava envolvido (como no caso de Watergate), enquanto em outros, ele simplesmente remove certos momentos históricos de seu relato, como se esses momentos nunca tivessem acontecido, ou como se ele nunca houvesse estado moral e politicamente presente. Assim é o caso do Chile. Segundo Kissinger, como ele escreve em seu segundo volume de memórias, “[nosso] governo não teve nada a ver com o planejamento de sua derrubada e nenhum envolvimento com os conspiradores... A mitologia de que os Estados Unidos atacaram

implacavelmente Allende depois que ele foi instalado é o oposto da verdade.” (KISSINGER, 1999, p. 374, 376) Desenterrando o próprio arquivo oculto de Kissinger, *Searching for K* de Jaar demonstra que o relato de Kissinger era a inversão mítica e que a verdade era que, de fato, os Estados Unidos intervieram. E ele o faz incluindo a fotografia censurada de Kissinger apertando a mão de Pinochet, na qual Kissinger é exposto no lugar errado, na hora errada e com a pessoa errada. Além disso, Jaar apresenta esta imagem ao lado da imagem do arquivo original de Kissinger do Nixon derrotado: Jaar, portanto, interrompe a história da vida triunfalista de Kissinger revelando seu lado mais sombrio: o aperto de mão oculto do entrelaçamento colonial.

IV. Agitando o Estado

“Desde o início”, Jaar disse uma vez, “eu estava interessado não apenas em informações [escritas], mas também em informações visuais, em imagens. Mais tarde, percebi que estava interessado na ‘política das imagens’, embora eu não tivesse um nome para isso na época.” (JAAR; SIITARI, 2015, p. 69) Sua

crítica à grande mídia considera que as imagens “não apenas respondem a eventos políticos, mas também desempenham um papel importante em moldá-los.” (LÜBECKER, 2013, p. 392) Jaar literalmente mostra como “moldar” e as maneiras pelas quais uma história linear universalizante reproduzida pela grande mídia em coalizão com o *establishment* político imperialista interfere na opinião do público. Seu objetivo descolonial é expor essa “modelagem” enquanto uma função política. (LÜBECKER, 2013, p. 392) Em *Searching for K*, Jaar procura menos remodelar a representação dos eventos históricos em si do que remodelar a maneira como esses eventos são figurados na e como história. Quando Jaar interpola uma imagem ausente das memórias de Kissinger na narrativa cuidadosamente documentada do ex-Secretário de Estado, ele remedia o persistente apagamento historiográfico que transforma esses eventos em ferramentas para o terror estatal contínuo e para a exploração colonial. Essa estratégia de remediação também está em funcionamento no formato de instalação do projeto de arquivo de Jaar, que depende do poder testemunhal do suplemento. Para sua recente exposição no Met Breuer, em Nova York, para a mostra

Everything is Connected: Art and Conspiracy [Tudo está Conectado: Arte e Conspiração] (2018), *Searching for K* assumiu a forma de três longas mesas pretas isoladas em fileiras quase simétricas, apresentando sob o vidro as páginas extraídas das memórias de Kissinger e impressas por Jaar com os reveladores círculos vermelhos desenhados ao redor da cabeça de Kissinger (Fig. 6).

No final da terceira fila, encontra-se uma quarta mesa quadrada contendo a fotografia do encontro de Kissinger com Pinochet de 1976. Ao isolar esta fotografia dentro de uma moldura individual em sua própria mesa, Jaar faz uma distinção impactante entre o que aparece nas memórias de Kissinger e o que foi censurado, interrompendo a simetria das fileiras e excedendo sua ordem espacial. Mesmo sem anotação, a imagem diz muito, oferecendo tanto uma metáfora da “verdade” distorcida de Kissinger como um documento testemunhal dessa distorção; o resultado, como Christopher Hitchens apontou em outro lugar, é uma instalação que “decodifica a relação usual entre fato e falsidade nas memórias mal elaboradas de Kissinger”. (HITCHENS, 2012, p. 5)

Além da investigação sobre as memórias, os trabalhos de Jaar sobre Kissinger destacam a intervenção de Kissinger no Chile a partir da perspectiva da mídia estadunidense, que havia acompanhado de perto a quarta e bem-sucedida campanha de Allende à presidência em 1969.²¹ No contexto da Guerra Fria, a estratégia dos Estados Unidos era fazer os estadunidenses acreditarem, por meio das redes midiáticas, que o Chile de Allende era uma ameaça comunista ao Ocidente. Esta campanha aparece na contribuição de Jaar de 1985 ao *Kissinger Project, Sem título (Handshake)* [Aperto de mão], emoldurando a fotografia incriminadora do aperto de mão sob uma série de cinco capas da *TIME* apresentando um retrato heroico de Kissinger e um retrato anti-heroico de Allende (Fig. 7).

Desde 1969 (quando Allende estava em campanha para a presidência) até setembro de 1973 (morte de Allende como resultado do golpe militar), a série de capas oferece uma narrativa histórica condensada da intervenção de Kissinger na política chilena, conforme a sequência avança de “Ameaça marxista para as Américas” a “O Super Secretário: pronto para agitar o Estado”. Jaar, através de seu gesto simples, porém historicamente e teoricamente fundamentado,



Fig. 6 - Alfredo Jaar, *Searching for K*, 1984.
dezoito painéis (34 × 81,6 cm) e uma impressão (35,6 × 40,6 cm)
Instalação no MET Breuer, Nova York
(Crédito da imagem: Masahito Ono)

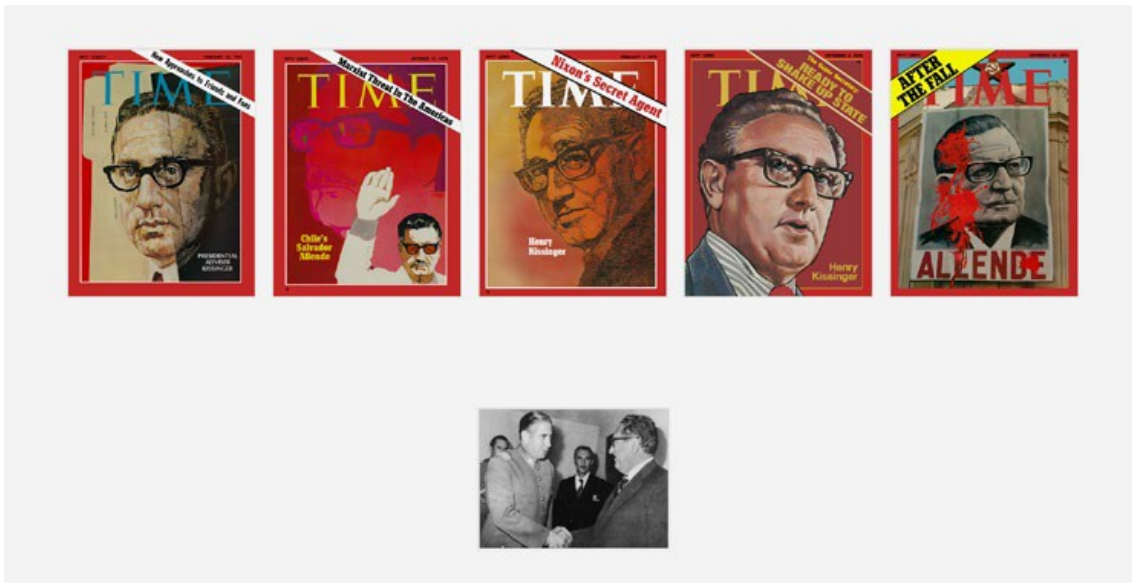


Fig. 7 - Alfredo Jaar, *Untitled (Handshake)*, 1985.
impressão, 102 x 160 cm
(Cortesia do artista, Nova York)

de justapor essas capas de revistas com a fotografia do encontro de Kissinger com Pinochet, confirma até que ponto Kissinger poderia realmente “abalar o estado”. O sequenciamento dessas imagens por Jaar documenta o aperto de mão através do qual Kissinger e, por extensão, Nixon projetaram as condições para a instabilidade política e social no Chile que eventualmente levaria ao golpe militar de 1973.

Provavelmente informado, por um lado, pelas mesmas fontes que ele usou um ano antes em *Searching for K* e, por outro, pela “política de imagens” que essas capas transmitem, Jaar criou uma narrativa histórica alternativa ausente nas imagens individuais das capas da revista, bem como nos vários eventos e narrativas de causa e efeito relatados nos artigos. Ao fornecer uma narrativa histórica sinóptica, a obra propõe que as intervenções políticas de Kissinger no Chile não apenas precederam o golpe, mas também continuaram durante a ditadura e marcaram a campanha anti-Allende de Kissinger durante o regime e seu rescaldo. A mídia internacional fez sua própria parte na campanha anti-Allende posicionando “O Super Secretário” como um herói lutando contra um vilão latino-americano

vermelho. E aquele vilão – de acordo com a narrativa da modernidade que *Sem Título (Handshake)* de Jaar torna explícita – é sempre derrotado no final. As imagens apropriadas de Jaar demonstram esse fim ao apresentar as manchas vermelhas que saturam o retrato de Allende como um símbolo do sangue do líder e de sua queda – e do socialismo – do poder.

Como numerosos estudos demonstraram, porém, a verdadeira preocupação de Kissinger no Chile não era ideológica, mas econômica.²² Mas o econômico, o político e o social operam em conexão um com o outro. No caso do Chile, contudo, o fator econômico – isto é, a implementação do livre mercado – foi e, até certo ponto, ainda é destacada dos debates críticos sobre sua influência direta na agenda política e social da junta militar, uma agenda promovida pela mídia.²³ E nessa agenda, como expliquei, os direitos humanos e a dignidade humana de milhões foram sistematicamente violados. Como certa vez o escritor uruguaio Eduardo Galeano ironicamente observou, “[Pinochet estava] torturando pessoas para que os preços pudessem ser livres. (apud GRANDIN, 2013, p. 175)

Jaar aborda os riscos econômicos da campanha “anti-Allende” e da intervenção dos Estados Unidos na América Latina em sua obra *Buscando a Kissinger* de 1983, a qual compila uma série de cartões postais dos locais mais simbólicos em termos financeiros e políticos da cidade de Nova York. Nesta série inicial, Jaar enquadra cada imagem ou conjunto de imagens com as palavras “*Buscando a Kissinger*” [*Procurando por Kissinger*], estampadas em letras em negrito que declaram sua investigação sobre as intervenções estatais dos Estados Unidos de monumento em monumento (Fig. 3). Uma vez carregados de um significado político renovado devido à sua evidente *détournement*, esses cartões postais-souvenirs associam as políticas internacionais de Kissinger aos símbolos arquitetônicos do excepcionalismo dos Estados Unidos em atividades bancárias, comércio e “democracia”, tais como o Empire State Building, a Estátua da Liberdade, World Trade Center e Bolsa de Valores. Alguns dos locais, como o Rockefeller Center, mantêm vínculos diretos com os interesses econômicos dos Estados Unidos no Chile e a ditadura de Pinochet: a família Rockefeller era proprietária da Anaconda, uma empresa de mineração no Chile que figurava fortemente nos planos de Kis-

singer e da CIA para derrubar a democracia chilena e assim manter tais indústrias nas mãos da iniciativa privada. Uma vez que Allende e a Unidade Popular haviam prometido nacionalizar indústrias de grande escala, como a do cobre, bem como sistemas de saúde e de educação, e redistribuir terras para os camponeses e para a classe trabalhadora, CEOs dos Estados Unidos alertaram Kissinger e Nixon de suas preocupações com seus investimentos e a potencial perda de lucros.²⁴⁵⁹ Kissinger reagiu a essa pressão corporativa orquestrando um golpe com o apoio financeiro das empresas estadunidenses. Este programa foi denunciado ainda em 1973 por escritores para o *USLA*, o boletim do Comitê Estadunidense de Justiça para os Presos Políticos da América Latina, uma organização criada no final da década de 1960 pelo Congresso Norteamericano sobre a América Latina:

O governo dos Estados Unidos, um dos primeiros a reconhecer à junta militar, está preparando enormes empréstimos para compartilhar com o governo militar e ajudá-lo a realizar seu trabalho. Uma grande parte da culpa por esse golpe mortal nos direitos democráticos no Chile deve ser atribuída ao governo dos Estados Unidos e às corporações que, como revelado pela publicação dos memorandos

secretos da ITT, estavam envolvidas na sabotagem encoberta ao regime de Allende. (ARCHIVES OF AMERICAN ART, 1973)

Portanto, não é coincidência que no encontro de Kissinger em 1976 com Pinochet, no qual o ditador deixou claro que “nós [chilenos] estamos atrás de você [Kissinger]. Você é o líder”, o aperto de mão deles representou mais do que um reconhecimento oficial da junta militar pelo governo dos Estados Unidos. Ao invés disso, como a obra de Jaar visa relembrar seus espectadores, o cumprimento representou um acordo neoliberal entre o Estado e os interesses corporativos.

Vale lembrar aqui que a fotografia que Jaar usa para documentar esse acordo foi publicada como uma ilustração para uma investigação das violações dos direitos humanos do regime de Pinochet na *TIME*, acompanhando um artigo de John Dinges. Dinges foi cofundador da *Revista APSI* em 1976, uma das primeiras revistas de oposição no Chile. (KORNBLUH, 2015) Ele também foi o primeiro a conduzir uma investigação jornalística sobre o assassinato de Orlando Letelier, ministro das Relações Exteriores que serviu sob o presidente Salvador Allende e

crítico declarado de Pinochet. Letelier, enquanto vivia exilado nos Estados Unidos, foi morto em uma explosão de seu carro orquestrada pela Operação Condor em Washington, D.C., em setembro de 1976.²⁵ O maior crime internacional em solo estadunidense antes do 11 de setembro, o assassinato de Letelier precipitou a renomeação de DINA como CNI (Centro Nacional de Informações) e a demissão de seu chefe, coronel Manuel Contreras, condenado pela corte chilena no período pós-ditadura por este e outros crimes.²⁶ No entanto, a liberação de uma série de documentos tornados públicos durante o governo Obama em 2015 revela que Pinochet ordenou diretamente o assassinato de Letelier.²⁷ De fato, durante sua reunião com Kissinger, Pinochet expressou preocupação com Letelier, que não era apenas um defensor dos direitos humanos com laços estreitos com o Congresso dos Estados Unidos, mas também o primeiro defensor declarado nos Estados Unidos a expor publicamente os laços entre a ditadura e a implementação do neoliberalismo no Chile. (U. S. DEPARTMENT OF STATE, 1976) “Repressão para a maioria e ‘liberdade econômica’ para pequenos grupos privilegiados são dois lados da mesma moeda”, escreveu Letelier em um artigo

publicado pela *The Nation* um mês antes de seu assassinato. O ceticismo, e talvez a ironia, de Dinges e do editor da *TIME* são visíveis nesse jogo duplo de imagem e texto que, por sua vez, vai um passo adiante na obra de Jaar, conforme o artista, ao revelar um episódio censurado nas memórias de Kissinger por meio de um registro fotojornalístico, ressalta diretamente a personalidade camaleônica de Kissinger e as consequências brutais de suas políticas internacionais no Chile.

A denúncia de Letelier sobre o regime poderia ter sido familiar para um “obcecado” leitor da mídia e arquivista como Jaar. Morando no SoHo e tendo realizado sua primeira exposição em Nova York na Cayman Gallery, na West Broadway, em 1983, Jaar deveria estar ciente não apenas da exposição em memória de Letelier de 1976 na Cayman, organizada por Dore Ashton, mas também de um grande mural feito em 1984 na West Broadway com o retrato de Letelier acompanhado pelos de Allende e do poeta Pablo Neruda, este último assassinado duas semanas após o golpe. O mural, que fazia parte da exposição em espaços públicos *La Verdadera Avenida das Américas* [*A verdadeira avenida das Américas*], foi realizado

no contexto de um amplo esforço artístico intitulado *Artists Call: Against US Intervention in Central America* [*Chamada de artistas: contra a intervenção dos Estados Unidos na América Central*], liderado pela crítica de arte Lucy Lippard e pelo Instituto de Artes e Letras de El Salvador no Exílio (INALSE). O próprio Jaar, convidado por Lippard, participou do *Artists Call* através de uma mostra coletiva no Museu de Arte da Colby College, em Maine, na qual o próprio mural de Letelier foi reproduzido no formato de uma faixa pendurada de parede a parede. (Fig. 8)

De fato, enquanto o foco principal do *Artists Call* era “aumentar a conscientização para afetar a opinião pública” a respeito das políticas internacionais “desastrosas” de Reagan na América Central às vésperas das eleições presidenciais de novembro, o mural/faixa de Letelier demonstrava que esse grande empreendimento fundindo arte e ativismo também envolveu outras intervenções iniciadas antes de Reagan em países da América do Sul como o Chile, como revelou a conexão feita pela mostra das políticas da era Reagan com um escopo mais amplo de vítimas e de culturas afetadas pelas práticas neocoloniais dos Estados Unidos durante a Guerra Fria.²⁸



Fig. 8 - *Call and Response: Art on Central America* (1984)
fotografia da instalação no Colby College Museum of Art, Waterville, Maine
(Cortesia do Colby College Museum of Art)

Semelhante ao *Artists Call*, no início dos anos 80, a série de Jaar sobre Kissinger estava, e está, preocupada em conectar histórias compartilhadas de repressão cívica e de violações dos direitos humanos perpetuadas pelos Estados Unidos no chamado Terceiro Mundo. Em *Buscando a Kissinger*, por exemplo, o texto em espanhol sugere a intervenção de Kissinger no Chile e em outros países da América Latina, como na “Guerra Suja” da Argentina (1974-1983). O mesmo acontece em uma obra posterior, *The Kissinger Project (Berlin)* (2012), no qual Jaar interveio em três grandes jornais publicados em Berlim com uma frase publicitária dizendo “Prendam Kissinger!” nos idiomas falados nos países do Sul Global afetados pela *realpolitik* de Kissinger (Fig. 2). *Dear Mr. Jaar* é outro exemplo inicial significativo da preocupação de Jaar em conectar histórias comuns de imperialismo e de violência em países “subdesenvolvidos” durante a Guerra Fria (Fig. 9).

Feito em 1984, o trabalho é um díptico de duas impressões criadas depois que Jaar encontrou, em um mercado de pulgas em Nova York, uma fotografia de Kissinger de 1973, acompanhada de uma carta de 9 de junho de 1976 assinada pelo Secretário.

Kissinger, vestindo um terno cinza, camiseta branca e gravata xadrez, posa para a câmera e é elegantemente iluminado por um *flash* suave lateral. Com o rosto voltado para o espectador e seus olhos para cima, a boca de Kissinger retrata um sorriso agradável. Esta fotografia foi realizada no mesmo ano do golpe chileno, depois o envolvimento de Kissinger no bombardeio do Camboja e do Laos e quando ele foi controversamente agraciado com o Prêmio Nobel da Paz por seu papel na Guerra do Vietnã. Na verdade, esta é a imagem que comemora aquele momento. Na segunda impressão, Jaar colocou seu próprio nome como destinatário de uma carta datada de um mês após o discurso de Kissinger na OEA em seguida à sua visita ao Chile para informar pessoalmente Pinochet sobre o apoio dos Estados Unidos à ditadura. Ao escolher esta fotografia em particular e ao colocá-la ao lado de uma carta sugerindo que Jaar havia, anteriormente, pedido a Kissinger um retrato autografado, o artista ecoa ironicamente o tom congratulatório da mídia controlada pelo regime em relação a um aliado premiado e célebre. No entanto, sua abordagem irônica sobre a própria “obsessão” do artista por Kissinger serve para articular o envolvimento neocolonial de Kissinger na



Fig. 9 - Alfredo Jaar, *Dear Mr. Jaar* (1976), 1984.
 duas impressões: 24,8 x 19 cm cada
 (Cortesia do artista, Nova York)

transformação da história mundial, conectando os casos do Chile, Camboja e Laos ao Prêmio Nobel da Paz de 1973 de Kissinger e sua visita ao Chile em 1976. (JAAR, 2015b)

Por sua vez, ciente do livro de Hersh, publicado um ano antes de denunciar o envolvimento direto de Kissinger na ditadura chilena, nas peças iniciais de seu projeto *Jaar* pôs, lado a lado, não apenas um contexto cultural em busca de solidariedade para e entre as culturas dominadas pelas potências neocoloniais, mas também a presença de uma estética na qual os nomes dos vitiadores e o que eles representavam para os povos dissidentes estavam claramente manifestados. O mural de Letelier, por exemplo, incluía uma citação extraída de seu discurso de 1976 no Felt Forum no Madison Square Garden, no qual ele se referia aos arquitetos da ditadura como “fascistas” e “traidores”. De fato, dar nomes e, portanto, denunciar aqueles cúmplices na ditadura chilena tem sido, problemáticamente, um assunto quase ausente e até censurado na representação da memória durante e após o regime de Pinochet no Chile. Como observou a crítica cultural chilena Nelly Richard, ao lado do retorno da democracia em 1990, quando Pinochet se tornou sena-

dor vitalício com uma lei de anistia que protege a ele e a ex-oficiais da inteligência de serem condenados por violações de direitos humanos, comissões da verdade, como o Relatório Rettig, o Relatório da Comissão Nacional de Verdade e Reconciliação (1991) e o Relatório Valech, o Relatório da Comissão Nacional sobre Prisão Política e Relatório da Tortura (2004), não incluíam os nomes dos perpetradores; ou se incluíam, como no caso Valech, o objetivo não era um esforço definitivo para trazer militares e, de forma mais significativa, os perpetradores civis a julgamento, tanto nacionalmente como pela jurisdição universal.²⁹

Protegendo aqueles que se beneficiaram com o golpe, esses relatórios, Richard e outros estudiosos da memória e críticos da cultura observaram, têm problemáticamente avançado o paradigma progressivo neoliberal com o objetivo de fechar o livro sobre a ditadura, celebrando ideias de perdão e de reconciliação e, portanto, abraçando o esquecimento.³⁰ Alinhado com a observação de Richard, e informado pelas demandas das pessoas no espaço público e no jornalismo crítico, o projeto de *Jaar* representa uma busca contínua por aqueles responsáveis pelos crimes, mostrando o perpetrador

não como “vítima das circunstâncias”, mas como um criminoso “procurado” por um estado democrático. Ao fazê-lo, o artista se distancia de uma tendência recente no Chile, na qual práticas cívicas e culturais transformaram a memória em práticas neoliberais de reconciliação e de esquecimento, proporcionando aos culpados o perdão e o arrependimento católicos.³¹

A prática de Jaar de procurar por K é, como o projeto descolonial de forma mais ampla, uma tarefa necessariamente contínua e incompleta. Em outras palavras, a busca de Jaar é em si um projeto descolonial que procura expor os crimes de Kissinger no Chile e em outros países do Sul Global, bem como o fato de Kissinger nunca ter sido punido. O artista expõe uma cultura que abraça o esquecimento em prol do mercado, emitindo um chamado à busca por meio de atos representacionais cujo objetivo é desalojar esse esquecimento e interferir na manipulação da opinião pública. Como escreve Maldonado Torres, dentro das “expressões políticas, intelectuais e artísticas descoloniais [há] um esforço cada vez mais autoconsciente e de coalizão para entender a descolonização, e não simplesmente a modernidade, enquanto um projeto inacaba-

do”. (MALDONADO-TORRES, 2011, p. 2) Até que Kissinger e os outros criminosos sejam presos por seus crimes, Jaar sugere, as famílias dos desaparecidos e torturados, as organizações e defensores dos direitos humanos continuarão marchando e exigindo justiça. Também ele continuará adicionando mais e mais obras à sua série.

Como afirmou a historiadora de arte argentina Andrea Giunta, o projeto de Jaar busca um aspecto central “do que toda imagem relacionada aos desaparecidos pretende alcançar: que eles pareçam vivos; e que os responsáveis sejam levados a julgamento e punidos por seus crimes.” (GIUNTA, 2009) Entre as inúmeras obras de arte contemporânea que respondem e buscam reparação para os abusos dos direitos humanos no Sul Global, o projeto de Jaar dá forma visual às vozes de protestos anti-imperialistas, anticolonialistas e antimodernidade em toda a América Latina, com seus apelos de “*No a la impunidad. Ni perdón ni olvido. ¡Juicio y castigo a todos los genocidas!*” [Não à impunidade. Nem perdão nem esquecimento. Julgamento e punição para os responsáveis]. Ao fazê-lo, do campo da estética, a produção de conhecimento e de subjetividades estão em jogo, Jaar convida os es-

pectadores a imaginar que as coisas poderiam ser de outra maneira e a participar, em solidariedade, da ideia descolonial de que “*La lucha continua*” [A luta continua].

Notas

¹ O artigo de Florencia San Martín foi publicado originalmente no ASAP/Journal (The Association for the Study of the Arts of the Present) em sua edição de maio de 2019 (v. 4, n. 2, p. 345-376, <https://doi.org/10.1353/asa.2019.0032>), pela Johns Hopkins University Press. Os editores da Poiesis agradecem à autora e aos editores do ASAP/Journal pela autorização da tradução e da publicação. Da mesma maneira, os editores também agradecem ao artista Alfredo Jaar pela publicação das imagens presentes neste artigo.

² Rafael Melo é graduado em Artes pela Universidade Federal Fluminense, Niterói. E-mail: rcmelo97@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1614-7205>

³ Caroline Alciones de Oliveira Leite é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ. E-mail: alcionesdol@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7866-7863>

⁴ Luiz Sérgio de Oliveira é artista e professor titular da Universidade Federal Fluminense, doutor em Artes Visuais pelo PPGAV-EBA-UFRJ, mestre em Arte pela Universidade de Nova York E-mail: luizsergiodeoliveira.br@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8616-5089>

⁵ A respeito, ver Henry Kissinger, *White House Years* (Boston: Little Brown, 1979); e *Henry Kissinger, Years of Upheaval* (Boston: Little Brown, 1982).

⁶ Para mais informações sobre esse ponto, consultar, por exemplo, James K Sebenius, R. Nicholas Burns, e Robert H Mnookin, *Kissinger the Negotiator: Lessons from Dealmaking at the Highest Level* (Nova York: Harper Collins, 2018); Jeremi Suri, *Henry Kissinger and the American Century*(Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 2007); e Niall Ferguson, *Kissinger: 1923-1968: The Idealist*” (Nova York: Penguin, 2015).

⁷ Ver Nelson Maldonado-Torres, Thinking through the Decolonial Turn: Post-continental Interventions in Theory, Philosophy, and Critique - An Introduction, *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, v. 1, n. 2, p. 1-2, outono 2011. Para a relação constitutiva entre modernidade e colonialidade, ver Aníbal Quijano, Coloniality and Modernity/Rationality”; e Aníbal Quijano e Immanuel Wallerstein, Americanity as a Concept. Ver também Walter D. Mignolo, *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolonial Options* (Durham, NC: Duke University Press, 2011).

⁸ Ver Bill Miller, Family of Slain Chilean Sues Kissinger, Helms, *Washington Post*, 11 de setembro de 2001 <https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2001/09/11/family-of-slain-chilean-sues-kissinger-helms/2439f3a4-dfe0-418c-9454-de6052e4df55>.

⁹ Para mais a respeito, ver Lubna Z. Qureshi, *Nixon, Kissinger, and Allende: U.S. Involvement in the 1973 Coup in Chile* (Lanham, MD: Lexington, 2009), p. 60-69.

¹⁰ Ver James K. Sebenius, Nicholas Burns, e Robert H. Mnookin, “Kissinger the Negotiator”. Harvard Kennedy School—Belfer Center for Science and International Affairs, 8 de maio de 2018. Disponível em

<https://www.belfercenter.org/publication/kissinger-negotiator-lessons-dealmaking-highest-level>

¹¹ Ver Quijano, *Coloniality and Modernity / Rationality*; e Quijano; Wallerstein, *Americanity as a Concept*.

¹² Para mais informações sobre os documentos tornados públicos sobre as relações Estados Unidos-Chile do final dos anos 1960 até os anos 1980, e que resultaram na prisão de Pinochet em Londres, ver Peter Kornbluh, *The Pinochet File: A Declassified Dossier on Atrocity and Accountability* (Nova York: New Press, 2004).

¹³ *La Tercera de la Hora* (Santiago), 10 de junho de 1976, Museo de la Memoria y los Derechos Humanos Archive; e *El Mercurio* (Santiago), 9 de junho de 1976, Museo de la Memoria y los Derechos Humanos Archive. Salvo quando indicado o contrário, todas as traduções do espanhol foram feitas pela autora.

¹⁴ Conforme informações de Alfredo Jaar, em conversa com a autora, em 15 de agosto de 2016.

¹⁵ Ver Idelber Avelar, *The Untimely Present: Postdictatorial Latin American Fiction and the Task of Mourning* (Durham, NC: Duke University Press, 1999), p. 37-38.

¹⁶ Para mais informações sobre o plano do primeiro golpe, Ver Kornbluh, *Pinochet File*; e John Dinges, *The Condor Years: How Pinochet and His Allies Brought Terrorism to Three Continents* (Nova York: Norton, 2004).

¹⁷ Ver Stanley Hoffmann, *The Kissinger Atimemoirs*, *New York Times*, 3 de julho de 1983. Disponível em <https://www.nytimes.com/1983/07/03/books/the-kissinger-antimemoirs.html>.

¹⁸ Alfredo Jaar, em conversa com a autora, em 8 de abril de 2019.

¹⁹ Ver as legendas das ilustrações em *Henry Kissinger, White House Years* (Boston: Little Brown, 1979); e *Kis-*

singer, Years of Upheaval. Para mais informações sobre o envolvimento de Kissinger em Watergate, ver Hersh, *Price of Power*.

²⁰ Para mais informações a respeito, ver Diana Taylor, *Trauma, memoria y performance: Un recorrido por Villa Grimaldi* con Pedro Matta, em *After Truth, E-Misférica*, edição especial (editado por Jill Lane e Marcial Godoy-Anatívia), v. 7, n. 2, 2009. Disponível em <http://hemisphericinstitute.org/hemi/en/e-misferica-72/taylor>.

²¹ Para mais informações a respeito, ver Edward S. Herman e Noam Chomsky, *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media* (Nova York: Pantheon, 2002).

²² Para mais informações, ver Qureshi, *Nixon, Kissinger, and Allende*.

²³ Para mais informações sobre a cumplicidade civil na ditadura chilena, ver Michael J. Lazzara, *Complicity and Responsibility in the Aftermath of the Pinochet Regime: The Case of El Mocito*, em *Las declaraciones públicas de perpetradores: narrativas y conflictos en la memoria social en contextos de pos-guerra, pos-dictatoriales y pos-genocidas, Rúbrica contemporánea* (ed. Claudia Field e Valentina Salvi, edição especial), v. 5, n. 9, p. 59-76, 2016. Ver também Javier Rebollo, *A la sombra de los cuervos: Los cómplices civiles de la dictadura* (Santiago: Ceibo Ediciones, 2015); e Víctor Osorio e Iván Cabezas, *Los hijos de Pinochet* (Santiago: Planeta, 1995).

²⁴ No Chile dos anos 1960, Anaconda e Kennecott Copper controlavam a indústria do cobre, enquanto a International Telephone and Telegraph (ITT), sediada nos Estados Unidos, detinha 70% da companhia de telefonia chilena Chitelco e financiava o *El Mercurio*.

²⁵ Para mais informações sobre o assassinato de Letelier, ver John Dinges e Saul Landau, *Assassination on*

Embassy Row (Nova York: Pantheon, 1980); e Dinges, *Condor Years*.

²⁶ Ver John Dinges e Saul Landau, *Assassination on Embassy Row* (Nova York: Pantheon, 1980); e Dinges, *Condor Years*.

²⁷ Ver Pascale Bonnefoy, C.I.A. Believed Pinochet Ordered 1976 Assassination in U.S., Memo Reveals, *New York Times*, 9 de outubro de 2015. Disponível em [https://www.nytimes.com/](https://www.nytimes.com/2015/10/10/world/americas/cia-believed-pinochet-ordered-1976-assassination-in-us-memo-reveals.html)

2015/10/10/world/americas/cia-believed-pinochet-ordered-1976-assassination-in-us-memo-reveals.html.

²⁸ Para mais informações sobre o *Artists Call*, ver PAD/D Archive, Museum Of Modern Art, Nova York. Disponível em <http://arcade.nyarc.org/search~S8>.

²⁹ Ver Nelly Richard, *Crítica de la memoria: 1990-2010* (Santiago: Ediciones UDP, 2010).

³⁰ Ver Richard, 2010. Ver também Lazzara, *Complicity and Responsibility*; e Rebolledo, *A la sombra*.

³¹ Para mais informações, ver Michael J. Lazzara, *Luz Arce and Pinochet's Chile: Testimony in the Aftermath of State Violence* (Nova York: Palgrave Macmillan, 2011).

Referências

ARCHIVES OF AMERICAN ART, Smithsonian Institution. "Junta Unleashes Indiscriminate Terror" em "Chile Under the Junta", *USLA, Newsletter of the United States Committee for Justice to Latin American Political Prisoners* (edição especial), v. 3, n. 10, 1973 (2, box 23, folder 7-8, Lucy R. Lippard Papers, 1930s–2007, bulk 1960-1990).

AVELAR, Idelber. Dictatorship and Immanence, *Journal of Latin American Cultural Studies*, v. 7, n. 1, p. 75-76, 1998.

BARTHES, Roland. *Camera Lucida: Reflections on Photography* (trad. Richard Howard). Nova York: Noonday Press, 1988 [1980].

BASS, Gary J. Henry Kissinger Feels the Bern, *Politico*, 12 de fevereiro de 2016. Disponível em <https://www.politico.com/magazine/story/2016/02/henry-kissinger-bernie-sanders-hillary-clinton-debate-213626> (e Transcript of the Democratic Presidential Debate in Miami, *New York Times*, 10 de março de 2016. Disponível em <https://www.nytimes.com/2016/03/10/us/politics/transcript-democratic-presidential-debate.html>).

DE LA MASA, Bernardo. Visita de Henry Kissinger a Chile - Parte 1 - 1976, vídeo no YouTube, 6:05 min (de uma transmissão da Television Nacional de Chile em junho de 1976, publicado por TVN em 12 de novembro de 2015). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2bHSTUsHPHQ>.

DINGES, John. A Harsh Warning on Human Rights, *TIME*, 21 de junho de 1976 (p. 31).

DORFMAN, Zach, How Henry Kissinger Conspired Against a Sitting President, *Politico*, 6 de janeiro de 2017. Disponível em <https://www.politico.com/magazine/story/2017/01/henry-kissinger-jimmy-carter-chile-214603>.

DUSSEL, Enrique. Philosophy of Liberation. (trad. Aquilina Martínez e Christine Morkov-sky). Nova York: Orbis, 1985 [1980].

GIUNTA, Andrea. Politics of Representation: Art and Human Rights, em *After Truth, E-Misférica*, edição especial (editado por Jill Lane e Marcial Godoy-Anatívia), v. 7, n. 2, 2009. Disponível em <http://hemispheric-institute.org/hemi/en/e-misferica-72/giun>.

GRANDIN, Greg. *Empire's Workshop: Latin America, the United States, and the Rise of the New Imperialism*. Nova York: Henry Holt, 2013.

HERSH, Seymour M. *The Price of Power: Kissinger in the Nixon White House*. Nova York: Summit, 1983.

HITCHENS, Christopher. *The Trial of Henry Kissinger*. Nova York: Twelve, 2012.

JAAR, Alfredo, *Dore Ashton, "You Know"* (2015), vídeo no YouTube, 9:25 min., publicado por College Art Association (CAA) em 22 de janeiro de 2018 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sDPcYsT8Y6I>.

JAAR, Alfredo. *It is difficult* (presentation, Palestine at/without the Museum: Loss, Metaphor and Emancipation conference, Barcelona, Espanha, 21 de fevereiro de 2015b). Disponível em <https://www.macba.cat/en/audio-palestine-alfredo-jaar>.

JAAR, Alfredo; SIITARI, Pirkko. I need to understand the world before acting in the world. In VANHALA, Jari-Pekka; NYBERG, Patrik (Ed.). *Tonight No Poetry Will Serve*. Helsinki: Museum of Contemporary Art, Kiasma, 2015.

JACKSON, Sarah; PORCELLI, Victor. Henry Kissinger Told to "Rot in Hell", Disrupted Four Times During Talk at Stern, *Washington Square News*, 16 de outubro de 2018. Disponível em <https://nyunews.com/2018/10/16/10-17-news-kissinger/>.

KALECK, Wolfgang, *Arrest Kissinger!*, publicação no blog do ECCHR, 24 de novembro de 2014. Disponível em <https://www.ecchr.eu/en/publication/arrest-kissinger/>.

KISSINGER, Henry. *Years of Renewal*. Nova York: Simon & Schuster, 1999.

KORNBLUH, Peter. Nuevo informe de cita de Agustín Edwards con el jefe de la CIA devela su rol clave en el Golpe, *Ciper*, 27 de maio de 2015. Disponível em <https://ciperchile.cl/2014/05/27/nuevo-informe-de-cita-de-agustin-edwards-con-el-jefe-de-la-cia-devela-su-rol-clave-en-el-golpe/>.

LÜBECKER, Nikolaj, The Politics of Images (resenha de “Quand les images prennent position”, de Georges Didi-Huberman, e “Frames of War: When Is Life Grievable?”, de Judith Butler), *Parágrafo* 36, n. 3, p. 392, novembro de 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Thinking through the Decolonial Turn: Post-continental Interventions in Theory, Philosophy, and Critique - An Introduction, *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, v. 1, n. 2, 2011.

MIGNOLO, Walter D. *The Darker Side of Western Modernity: Global Futures, Decolo-*

nial Options. Durham, NC: Duke University Press, 2011.

MIGNOLO Walter D. La colonialidad, la cara oculta de la modernidad. In BREITWIESER, Sabine (Ed.). *Modernologías. Artistas investigan la modernidad y el modernismo*. Barcelona: Museu d’Art Contemporani de Barcelona, 2009.

QUIJANO, Aníbal, *Colonialidade/Descolonialidade do Poder 1/5*, vídeo no YouTube, 10:30 min. (Gravação de uma palestra realizada em Assunção, Paraguai, em agosto de 2010, publicada por GRAP em 25 de outubro de 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=sID-iPiGgmY>.

QUIJANO, Aníbal. Coloniality and Modernity/Rationality, em “Globalization and the De-Colonial Option” (ed. Walter D. Mignolo), *Cultural Studies* (Special Issue), v. 21, n. 2-3, 2007.

QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. Americanity as a Concept; or, The Americas in the Modern World-System. *International Social Science Journal*, v. 44, n. 4. 1992.

U. S. DEPARTMENT OF STATE (Freedom of Information Act). *Memorandum of Conversation: U.S.-Chilean Relations*, 8 de junho de

1976. Disponível em <https://foia.state.gov/DOCUMENTS/StateChile3/0000579F.pdf>.

U. S. DEPARTMENT OF STATE (Freedom of Information Act). *Memorandum for The 40 Committee: Basic Options on El Mercurio*, 8 de setembro de 1971. Disponível em <https://foia.state.gov/DOCUMENTS\NSCChile3\0009C55.pdf>.

U. S. DEPARTMENT OF STATE (Freedom of Information Act). *Memorandum for Dr. Kissinger: Chile—40 Committee Meeting* (Viron P. Vaky), 14 de setembro de 1970. Disponível em <https://foia.state.gov/DOCUMENTS\NSCChile3\0000956F.pdf>; e Kornbluh, “Nuevo informe.”

234

U. S. DEPARTMENT OF STATE (Freedom of Information Act). *Meeting with President on Chile 9/1/1970*, 15 de setembro de 1970(b). Disponível em <https://foia.state.gov\DOCUMENTS\PNARA3\000097BC.pdf>.